

NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário Regionalista - Preço: 100\$00

EDITORIAL

O Jubileu do ano 2000 fala-nos de uma viagem, de uma peregrinação. Refere-se à viagem do tempo e da história e à peregrinação da nossa vida.

Celebramos 2000 anos da entrada de Jesus no nosso tempo, na nossa história. O Jubileu tem muito a ver com esta marcha da história que teve um princípio e que terá um final; esta história onde Jesus entrou num determinado momento para ser companheiro de marcha e de jornada.

JUBILEU O Ano da Graça



O Jubileu faz-nos tomar consciência que toda a marcha da história é como uma peregrinação. E as peregrinações serviram para nos indicar a direcção da nossa marcha, qual o ponto de partida e de chegada dos poucos anos que aqui passamos.

O Jubileu faz-nos sentir peregrinos, e recorda-nos os grandes valores da peregrinação, porque caminhar sem um destino e uma orientação na vida é avançar para o abismo.

Fazer a peregrinação é ter a meta dentro de nós e cada dia dar um passo para lá chegar.

Fazer a peregrinação é fazer um acto de fé e de esperança. É acreditar naqueles que nos mostram o caminho, porque celebrar o Jubileu é abrir novos caminhos.

Rosa Torres Fonseca

O PERFIL DO MÊS

Carlos Mariz A.S.

Constituiu sem sombra de dúvida um acontecimento cultural importante, na nossa terra, a apresentação, ou melhor, a edição do livro sobre a Santa Casa da Misericórdia de Fão, da autoria do nosso prezado colaborador Carlos Mariz.

Mais que uma monografia da Santa Casa, o autor extravasou tal conceito e teve em primeiro lugar a preocupação de citar toda a informação histórica que já foi publicada sobre a nossa terra, inclusivé sobre o topónimo Fão, sobre as Águas Celenas e ainda sobre Ofir. Sobretudo nestes dois temas não ousou separar as águas: lenda ou realidade? A opinião dos historiadores modernos contraria a "veracidade" dos antigos. Carlos Mariz não se afoita peremptoriamente por qualquer uma das vias. Pelo contrário, refugia-se em expressões não totalmente conclusivas, tais como "é natural que", "seria", ou então recorre às aspas, declinando assim qualquer responsabilidade na autoria de certas afirmações, o que em nosso entender faz bem.

Na parte final do seu livro, C.M. elenca uma série de datas, todas elas relacionadas com acontecimentos ocorridos em Fão. Novidade para nós foi a notícia de que em 1913 havia sido criado um liceu de artes na terra. Não deixa de ser curioso a coincidência entre tal tipo de liceu e o pendor artístico da gente de Fão. Infelizmente tal projecto não foi avante. Não seria despiçando escavar este tema até ao fundo.

Empolgante a narrativa das lutas travadas entre alguns párocos de Fão e entidades locais, nomeadamente capelães e provedores da Misericórdia. Vale a pena ler tais relatos, pois fica-se a saber de quanto a vaidade era capaz. Por exemplo, o reitor, padre Varela (séc. XVIII), proibiu a Mesa de mandar tocar o sino, sem sua licença, quando falecesse algum irmão. Não contamos o desfecho da contenda para que assim o leitor seja obrigado a ler obra em apreço, ficando deste modo a conhecer a história da nossa terra e a amá-la ainda mais. E já agora ficará a fazer uma ideia do poder de que os padres desfrutavam nesses



Carlos Mariz

tempos ominosos. Vale a pena consultar o livro.

Quem é Carlos Mariz?

De muito pequeno nos habituámos a respeitar e a considerar este "conterrâneo" que era um dos poucos jovens que frequentavam em Esposende o colégio das "Senhoras Francesas". Com ele compartilhavam o mesmo estabelecimento outros jovens de Fão, nomeadamente, o Paulino Campos, o Júlio Fontes, o Arlindo "Cabo do Mar", o Júlio Monteiro, o Zé Maria Evangelista (irmão do Quiqui) e moças, que nos lembre eram as duas Aidinhas, a Mariz e a Reis, uma filha do Gomes da Costa (tintas) e também a Berta Monteiro. Esta pouquidade retrata por assim dizer a parca abastança em que vivia a maioria, a grande maioria das famílias fangueiras. Isto passava-se há sessenta e tantos anos. A Grande Guerra começara há pouco e nós lembramo-nos de um episódio que veio reforçar a tal admiração que nutríamos pelo Carlinhos, o filho da Sr.ª Lucinda. Naquele tempo, na nossa rua, havia apenas um rádio que estava na loja do tio Zé, exactamente o pai do Adelino Saraiva. Por essa altura, era grande a preocupação das pessoas em quererem saber

(Continua na pág. 6)

Turma dos Repetentes do Colégio Infante de Sagres volta a reunir

Um apelo ao bom estilo do "Grito do Ipiranga" obrigou-nos a rever antigos apontamentos. Descobrimos, de há 15 anos, o Encontro entre os condiscípulos da Turma dos Repetentes (os das palmatoadas, lembram-se?) do extinto Colégio Infante de Sagres, de Esposende. Aprecia, Maria Amélia, a mensagem para os repetentes do futuro, que se transcreve.

"A Primavera vai e volta sempre. A mocidade vai e não volta mais. Mas se tu tiveste a subida honra e a suprema glória de ter sido um infantista; se recebeste as Noções de Direito do dr. Távares; se amoldaste o teu carácter à nobre maneira de ser do prof. Álvaro Carvalho; se melodicamente trauteaste o "Xixi" do Padre Cândido; se tonificaste os alvéolos pulmonares com a aeróbica do prof. Carlos Martins; se cubicaste a raiz quadrada com o dr. Arménio; se não arrebentaste os tímpanos com a fúria das palavras do dr. Reis; se enfim, ergueste o "sim senhor" sempre que o Filipe empunhava o badalo... então tu

reverdescerás eternamente com a Primavera, as artérias do teu corpo serão correntes de amizade e por ti o poeta cantará um dia: A Primavera vai e volta sempre".

Antes do Verão e no período da Primavera que está para chegar, teremos um encontro muito especial dos repetentes, melhor que o de há 15 anos. A ideia entrou em marcha, porque são muitos os aposentados, fortes e bons para dar o máximo. Contamos com todos os mais os/as consortes. **Que giro, não é?**

Contactar com a Redacção.

Artur L. Costa

ESPOSENDE

Por ARTUR L. COSTA

Insegurança na área urbana assusta automobilistas

Desde há muito que a população da sede do Concelho de Esposende e as vizinhas, nos seus acessos rodoviários, estremece de pavor com as actividades de noctívagos (agora diurnas) de grupo armado, e à solta.

Quando a TVI apresentou as imagens, com os locais, onde habitualmente actua o tal "gang", julga-se difícil escapar à investidas dos componentes. Regra geral aparecem de noite, em locais menos frequentados e procuram sustentar a marcha das viaturas, com simulações ou com sinais de paragem imediata. As armas de que são portadores, apontadas ao condutor da viatura, completam o cenário de assaltos como nos filmes americanos. Tudo serve para espoliar o pacato e pacífico cidadão, quantas vezes, no regresso de viagens de trabalho.

A insegurança e o assalto à mão armada são frequentes e as queixas sobem em flecha, são montes delas, onde o perigo e o risco acontecem no dia-a-dia.

Conseguimos apurar que alguns dos componentes foram detidos e presentes à autoridade judicial, para actuar. Depois de identificados, foram mandados em liberdade, mas voltaram ao Tribunal de Esposende a 23 de Janeiro findo, para declarações, início do inquérito e organização do processo. Ao que parece, as provas contra os suspeitos são muitas; falará saber até quando beneficiam eles da impunidade e do facilitismo reinante.

A GNR tem procurado bem desempenhar a sua função. Contudo, "a tolerância zero" nesses casos (bem graves) passa ao lado.

Convém referir que os suspeitos, portugueses, são de Esposende. Nada de confusões, mas aproveitam-se bem da tolerância da população.

Plano e Orçamento da Câmara Municipal para 2001 dotado de 5 milhões

O Plano e Orçamento para 2001 contém algumas novidades: expropriação da antiga casa do Grémio da Lavoura; aquisição dos moinhos de Abelheira; construção do Centro de Dia de Pedreiras, Fão; construção de ETAR's de Esposende e de Forjães.

A dotação financeira do Plano depende de apoios, pois as receitas municipais cobrem parte, insuficiente por isso, para a total cobertura. Todavia, na opinião do presidente do Executivo, "é objectivo do Município rentabilizar ao máximo os financiamentos da Comunidade Europeia no âmbito do III Quadro Comunitário de Apoio, onde se incluem muitas das obras a realizar no corrente ano. Sendo de cerca de 5 milhões de contos, o orçamento ficou definido: 3,673 milhões de receitas próprias; 921 mil contos de encargos por empréstimos, havendo 2,266 milhões de contos a assegurar.

Quanto a valores distribuídos através do Plano aprovado na Assembleia Municipal, cabe a Saneamento e salubridade a maior fatia. Com 568,6 mil contos, enquanto o Desenvolvimento Económico e Abastecimento Público afectou 401,9 mil contos;

Habituação, Urbanismo e Urbanização tem 318,1 mil contos; Defesa do Meio Ambiente, com 306,6 mil contos; Comunicações e Transportes 216,25 mil contos; para Educação 243 mil contos, inclui a recuperação do edifício escolar de Esposende; Cultura Desporto e Tempos Livres, foi dotado com 361,6 mil contos. Estas as verbas consideradas mais importantes, talvez por envolver a qualidade devida das populações.

Na justificação do Plano e Orçamento, o "Apoio do Estado, mantém-se a postura de esquecimento e marginalização". Logo, a "Negociação com o Governo sobre a conclusão das Docas de Pesca e de Recreio, além da construção da Barra do Rio Cávado", que viabilidade?

De salientar, as obras em programa e que deslizarão para 2001. E, "outras competências que são delegadas nas Juntas de Freguesia, a recuperação do edifício dos Socorros a Náufragos para adaptar a Museu do Mar, os estádios de futebol em Esposende, Marinhãs e Fão, de eventual apoio ao Europeu de 2004. Outros investimentos estão previstos, se as verbas dos projectos apresentados vierem a ser atribuídas ao Município de Esposende.

Dr. Jorge Sampaio reeleito Presidente da República Abstensão: o 2.º mais votado

Conforme fora noticiado, o Dr. Jorge Sampaio foi reeleito para ocupar a função de Presidente da República. O resultado fora antecipadamente anunciado e considerado o vencedor destas eleições. É de tradição, o Presidente da República em exercício, ser reeleito para segundo mandato. Aconteceu com Ramalho Eanes e com Mário Soares: porque haveria de ser diferente neste milénio?

Coube à abstensão ocupar o lugar de segundo mais votado, mas os analistas estranharam a taxa elevada, e não conseguiram encontrar razões para tal fenómeno. Todavia, os responsáveis pelas candidaturas manifestaram a sua satisfação pelos resultados obtidos. Os candidatos que apoiaram excederam as expectativas, atiraram por terra as previsões que serviram de texto para a campanha.

Os analistas e comentadores políticos, por mais voltas que dessem aos resultados e pelas declarações

Eleição do Presidente da República - 14 de Janeiro de 2001 CONCELHO DE ESPOSENDE

	INSCRITOS	VOTANTES	BRANCOS	NULOS	GARCIA PEREIRA	FERREIRA DO AMARAL	FERNANDO ROSAS	ANTÓNIO ABREU	JORGE SAMPAIO
ANTAS	1.737	909	22	6	17	379	31	10	444
APÚLIA	3.474	1.702	35	20	24	1.010	30	10	573
BELINHO	1.883	995	15	19	33	453	33	14	428
CURVOS	723	443	13	6	13	198	11	1	203
ESPOSENDE	2.626	1.627	37	16	22	435	44	38	935
FÃO	2.345	1.265	35	15	18	451	33	39	594
FONTE BOA	1.063	566	10	11	7	323	16	8	213
FORJÃES	2.138	1.181	14	6	12	503	19	27	800
GANDRA	901	549	17	10	13	223	9	9	268
GENESES	924	531	10	12	5	285	15	3	221
MAR	1.069	697	11	9	14	240	22	20	261
MARINHAS	4.066	2.205	39	21	26	927	71	43	1.078
PALMEIRA	1.824	870	14	12	17	323	26	29	449
RIO TINTO	637	169	7	1	3	92	3	1	62
VILA CHÁ	1.335	617	8	10	13	287	12	10	267
TOTAIS	26.744	14.168	287	174	237	6.117	375	262	6.716

dos responsáveis partidários, deram por desconhecido o sentido de voto do CDS-PP. Porém, toda a gente sabe onde entraram muitos desses votos. Se apreciarem o quadro dos resultados, é fácil.

Por curiosidade damos os resultados da abstensão nos meios de maior número de votantes: Apúlia - 51%; Esposende - 41,8%; Fão - 45,2%; Forjães - 47,8%; Marinhãs - 45,8%; Rio Tinto, a freguesia de menor número de eleitores teve a maior taxa da abstensão: 73,5%.

Gandra e Fonte Boa com valências para crianças

O Centro Social de Gandra, com 38 crianças diárias e a Associação de Pais e de Encarregados de Educação de Fonte Boa, com 30, respectivamente em Creche e em ATL (Actividades em Tempos Livres), recorreram às Juntas de Freguesia, onde funcionam em regime precário.

A Câmara Municipal de Esposende a fim de facilitar as valências propostas e com o objectivo de proceder ao seu funcionamento, deliberou "Dotar com equipamentos e outro material indispensável", atribuiu às referidas entidades de Gandra e de Fonte Boa, "Um apoio financeiro de 300 e de 200 contos".

Trata-se de uma acção integrada na "política de apoios" ao ensino pré-escolar e de ocupação de tempos livres de crianças do Concelho e cooperar com os pais durante o seu período de trabalho.

Recolhas de Sangue no Concelho

Noticiamos o início da campanha de recolha de sangue pelo Concelho de Esposende, acções organizadas pela Associação dos Dadores de Sangue e o apoio do Instituto Português de Sangue. Para o mês de Fevereiro, as visitas foram programadas para Esposende, Fão, Marinhãs e Mar.

Em Março, a Brigada do Instituto e da Associação, desloca-se para recolhas nos seguintes locais: Perelhal a 11 de Março; Vila Seca, a 18 de Março; Gandra, a 25 de Março. Fonte Boa recebe a Brigada para recolhas de sangue em 1 de Abril; Belinho, dia 8 de Abril.

Obras de recuperação da Igreja Matriz Protocolo de participação

O Estado vai participar com seis mil contos as obras de recuperação da Igreja Matriz, ao abrigo do protocolo celebrado entre a Direção Geral das Autarquias Locais, a Comissão de Coordenação da Região Norte e

(Continua na pág. 6)

Abstensão no concelho: 47,0%
Nacional: 49,1%

DESASTRE

Quase no fim do mês de Janeiro sofreu um acidente, na rua Visconde S. Januário, perto da Cooperativa o nosso conterrâneo Carlos Ferreira Graça.

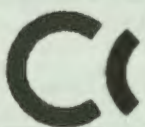
Resolveu a certa altura atravessar a estrada, sem dar pela presença de um automóvel que se aproximava e assim foi colhido pelo veículo, sendo projectado a alguns metros de distância.

Valeu-lhe ser de compleição forte pois o embate é dos que causa a morte.

Ainda assim fracturou as pernas e sofreu escoriações no corpo e na cabeça.

Foi conduzido ao hospital de Barcelos onde ainda se encontra, mas livre de perigo.

Fazemos votos por um rápido e completo restabelecimento.



Clínica Médico-Cirúrgica

Hercília & Jorge Areias

Prof.ª Doutora Hercília Guimarães
Pediatra - Neonatologista

Prof. Doutor Jorge Areias
Gastroenterologista - Hepatologista

Horário de funcionamento:
2.ª a 6.ª-feira das 14.30 às 20.30 horas

Bom Sucesso Trade Center • Praça do Bom Sucesso, n.º 61, sala 904 • 4150-146 Porto • Telef. 226 053 625

A história da Benemérita Associação dos Bombeiros Voluntários de Fão

ANA MARIA COSTA

(CONCLUSÃO)

Naquele dia foi cantado um Hino, que o Jornal da época "Ecos da Beira Mar" reproduziu com o título "Hino dos Bombeiros de Fão".

Nesse ano e por proposta do presidente da direcção, Evangelista Silva, passou a Associação a denominar-se "Benemérita Associação dos Bombeiros Voluntários de Fão", nome que mantém.

Instalações mais amplas e condignas, permitiram à Benemérita Associação dos Bombeiros Voluntários de Fão colaborar e apoiar as iniciativas da comunidade fangueira que iam surgindo, nomeadamente colocando à disposição da população o seu salão nobre, inclusivamente cedendo-o à Colónia Balnear de Fão, que aí sempre realizou as suas festas.



dr.ª Ana Maria Costa conta a história dos Bombeiros

Em 1962, a Benemérita Associação dos B. V. de Fão confrontou-se com a necessidade de mais uma vez alterar o local em que se encontrava sediada, o que na época foi justificado com dificuldades na mobilidade da maquinaria e pessoal, em situações de grande urgência.

Assim e depois de alguma discussão no seio da Associação, (consequência de alguns membros não concordarem com o local proposto para a construção), decidiram construir um novo quartel, localizado no Largo Avelino Pires Carneiro.

A casa foi oferecida pelos irmãos António Avelino e Octávio Pires Carneiro, naturais de Fão, mas emigrados no Brasil.

O antigo edifício foi demolido e as obras de construção iniciaram-se em 19 de Outubro de 1962, decorrendo de forma faseada.

A 18 de Outubro de 1964, aquando da comemoração do trigésimo nono aniversário da Associação, foi entregue à corporação uma parte do edifício, para funcionar como quartel.

A construção ficou definitivamente concluída em Janeiro de 1966, tendo o quartel sido inaugurado oficialmente, em Setembro de 1968, momento em que a "Associação dos Bombeiros Voluntários de Fão" comemorava o quadragésimo terceiro aniversário.

No ano de 1992 de novo se lançou a Benemérita Associação na construção de um quartel, de maiores dimensões, ajustado às necessidades actuais, tendo para o efeito a Câmara Municipal de Esposende adquirido um prédio contíguo ao quartel, propriedade de D. Maria Salet Gafém Pires Ramos que, dado o fim a que se destinava, o cede por preço muito inferior ao seu real valor.

O apelo feito à população de Fão, aos beneméritos da Associação, à Câmara Municipal de Esposende, ao Poder Central e o apoio do corpo activo e corpos gerentes, permitiu a conclusão desta iniciativa, dispo no presente os Bombeiros Voluntários de Fão de um quartel com características adequadas às diversidades que desenvolvem.

A inauguração do actual quartel revestiu-se de um simbolismo especial, resultado do intenso trabalho directivo realizado e do esforço desenvolvido pelo corpo activo, no sentido da conclusão da sua construção, e de acordo com os prazos previstos e as verbas disponíveis.

Continuou a Benemérita Associação dos Bombeiros Voluntários de Fão a tradição de apoiar e incentivar as realizações vividas pela comunidade fangueira que marcaram indelevelmente a vida comunitária da freguesia e a sua memória colectiva como, arraiais minhotos, bailes de Carnaval, ceias de Natal, com grande participação da população, dinamizadas por elementos da Associação e familiares, com o objectivo de angariação de fundos e principalmente como forma de convívio entre os elementos que constituíam a Benemérita Associação dos Bombeiros Voluntários e a população fangueira.

De destacar ainda as actividades desenvolvidas pela Associação no âmbito cultural e recreativo, como a famosa "queima do Judas", a constituição de uma escola de Ballet e de Karaté, concertos musicais, bem como a participação conjunta com outras instituições fangueiras na "Festa do Marisco" e a realização de Tómbolas e do Loto, para angariação de fundos.

Ao longo de 75 anos foi a Corporação dos Bombeiros de Fão comandada por oito personalidades, figuras muito queridas no meio, galeria que se constituiu com o primeiro comandante do corpo de voluntários, António José da Costa (comandante entre 1926 e 1928), seguido de Albino Torres (comandante entre 1928 e 1946), Albino Gajeiro Cardoso

Torres (comandante entre 1946 e 1947), Manuel Maria Evangelista da Silva (comandante entre 1947 e 1948), José Francisco da Fonte (comandante entre 1950 e 1951), António Carlos da Silva Vila Chã Esteves (comandante entre 1951 e 1967), Artur Luís Vinha Novals (comandante entre 1967 e 1974) e Fernando António Faria de Vilar (comandante entre /1/1974 e /2/200).

Os destinos da Benemérita Associação foram dirigidos desde 1925 até aos nossos dias, por um conjunto de homens e mulheres, eleitos anualmente, que deram o corpo ao projecto, fazendo-o por vezes em circunstâncias difíceis, de forma abnegada, seguindo um ideal, empregando muito do seu tempo e esforço pessoal, sem esperarem recompensas materiais, inspirados nos princípios do associativismo e do voluntariado.

Esta atitude possibilitou, por um lado a adesão da população do concelho às causas da associação e por outro um progresso evidente ao nível das condições materiais e apetrechamento da Corporação, destacando-se ultimamente, o melhoramento substancial do parque de viaturas de socorro.

Apesar da abnegação de todos os intervenientes e de forma destacada dos bombeiros, são conhecidas as dificuldades com que as corporações se confrontam para conservarem um corpo activo com qualificação, motivado e disponível, consequência talvez das características próprias do nosso quotidiano, onde a solidariedade é diminuída de valor.

No entanto os Bombeiros Voluntários de Fão, ao longo de 75 anos, continuam a correr céleres e com firmeza, em qualquer momento do dia ou da noite, quando ouvem os toques da sirene, confirmando com esta atitude os valores humanistas e de solidariedade que caracterizam o homem.

Pela ternura especial que todos sentimos em relação aos Bombeiros Voluntários de Fão, afigura-se que estes têm cumprido ao longo da sua existência, os fins a que se destinam, praticando actos solidários e fraternos que cada um de nós provavelmente já vivenciou e que nunca esquecerá.

Direitos, deveres e... obrigações

Recentemente tive necessidade de requisitar uns livros na Biblioteca Municipal de Esposende. Como estava em período de férias, fui a Esposende porque era o local mais próximo.

Não aconteceu nada de extraordinário, mas acho que o suficiente para "espantar" os frequentadores daquela biblioteca (pelo menos a minha pessoa...). Então, como cidadã e moradora neste concelho, senti-me na obrigação de informar os responsáveis. Escrevi uma carta ao Ex.mo Sr. Presidente da Câmara de Esposende, dr. João Cepa, na qual me identificava e expunha a situação. Resposta? Nem vê-la! Provavelmente é o habitual problema dos correios: extravios!!!

Apesar de não ter obtido qualquer resposta, tive conhecimento que o Sr. Presidente recebeu a carta e que, supostamente, a terá lido (!!!!!).

O que aqui interessa não é nem a minha carta nem o seu conteúdo, nem a ausência de resposta, mas sim a "fuga de informação". Sim, acho que se pode chamar assim, pois acredito que o Sr. Presidente não se fa dar ao trabalho de comentar um assunto tão banal. Se eu quisesse que a minha carta se tivesse tornado pública, tê-la-ia endereçado à Câmara Municipal de Esposende e não ao seu Presidente, ou então teria optado por um jornal.

Se a biblioteca é pública e, portanto, para ser usada por nós, deparando-se-nos uma situação que nos desagrada, temos a obrigação moral de nos manifestarmos já que esta nos pertence (!??).

Acho que é com estas situações que aprendemos e que nos apercebemos que não devemos ficar calados quando algo está mal!

É um direito e um dever que nos assiste.

Felícia Leites

(E.S.J. - Escola Superior de Jornalismo)

Optica

Aleixo Ferreira, L.^{da}

Oliveira

Gabinete de Optometria e Contactologia

Rua da Misericórdia, 4-6

Tel. 253275777 • Fax: 253271161 – 4700 BRAGA

Capítulo V – OS CORREIOS NO CONCELHO DE ESPOSENDE

A história dos Correios no Concelho inicia-se com Esposende. Fão, que celebrou o I Centenário da criação e abertura, com Apúlia, são as localidades que mais se desenvolveram desde o século XVII e até aos nossos dias. Foram muitos os funcionários e empregados nestes serviços que ao longo dos tempos contribuíram para a história dos Correios e das Telecomunicações, quando da sua passagem por estas duas importantes empresas nacionais, agora desmembradas, por razões económicas e políticas.

I – ESPOSENDE: AS RAÍZES HISTÓRICAS

É a partir das inquirições de 1258, de D. Afonso III que aparece o topónimo Esposende. É, também, o primeiro documento, onde se identifica o nome e a existência de lugar. O facto deve-se à teimosia de casal de Santa Olaia de Rio Covo, de Palmeira, porque “não querem dar renda ao Rei”. Será curioso notar que se refere Esposende como lugar do “Reguengo de Montimim” freguesia de São Michaelis de Zopaes, no Julgado de Neiva. Veio, de novo, a ser citado, desta vez no Censo da População, em 1527, no reinado de D. João III, mas de povoação no termo de Barcelos.

Todavia, o território foi atravessado por outros povos e outras civilizações de nómadas pois, segundo vestígios arqueológicos e de estudo de especialistas de antropologia, no II século a.C os romanos invadiram a região e aqui permaneceram no longo período da Reconquista. O nome e a povoação de Esposende aparecem com mais frequência, mas como lugar na freguesia de Marinhas.

Carta ao Director

(Continuado da pág. 12)

uns com nome tão grande, não entende como apenas três letras e um til representam e provocam tanto.

E até dou uma notícia alvissareira para todos os fangueiros, que vai provocar mais inveja a esses camufladores de placas. Há pouco conheci uma nova versão ampliada e revista do Aurélio – Novo Aurélio – que é o dicionário mais completo, vendido e respeitado do Brasil e nele consta, para nossa satisfação e deleite: “Fãoense – de, ou natural de Fão (Portugal). O natural ou habitante de Fão (Sin. ger.: fangueiro);

A imaginar o nome de Fão espalhado pelos quatro cantos do mundo, penso se os nossos frustrados vizinhos – nenhum deles, quer comece com a letra E (até eles) ou a letra G ou A, aparece no famoso dicionário – não sentirão vontade de arrancar a folha onde está escrita a nossa naturalidade.

Falar de Fão para mim é falar de amor e eu que há tanto tempo deixei minha terra parece que nem saí porque o que aí acontece mexe comigo e provoca-me como se estivesse a participar de tudo. Se minha terra e seu povo não fizessem tão parte de mim eu nem sei quem seria, mas certamente não sentiria tanto orgulho de ser quem sou e donde sou.

O mundo é tão grande, dizem, e eu, ao ouvir isto digo: Fão é tão grande... que seu jornal tem uma coluna poética com um nome que desafia – “Pedras Que Falam”.

É só sentar nas Escadas do Cais e ouvi-las falar o que eu ouço distante como escuto os Cavalos de Fão a relinchar submersos no mar da nossa praia Ofir, pois eles são de pedra também. Sem falar das pedras das nossas ruas dos godes das esferas graníticas do Bom Jesus e dos jazigos de cantaria que guardam o silêncio das canções daqueles que partiram e descansam na Paz de Fão e nós não podemos esquecer para não nos esquecermos de nós.

Tanta pedra Fão que eu não sei porque cargas d'água – nem quero saber, só quero sentir – permaneceu incólume em mim sobrepujando tudo o

A separação religiosa, já no século XVI, devido ao desenvolvimento do lugar e por efeito das suas actividades junto ao mar e com o rio Cávado, sobretudo: pesca, salinas, agricultura, navegação, artes e ofícios. Com o desenvolvimento económico e social dos seus habitantes, a póvoa de Esposende, no termo de Barcelos, segundo o foral de 1515, tomou outros rumos. O “imposto do pescador” era pesado e, por isso, fizeram uma petição a D. Manuel I a pedir a “autonomia” em relação a Barcelos.

A luta durou gerações, desde D. João III até D. Sebastião. E foi este jovem monarca, afadigado no salto até ao norte de África, quando se “aprestavam as 30 caravelas” da “empreitada” que seria o seu túmulo, assinou a Carta Régia a conceder a mercê pedida a seu avô.

Até que em 19 de Agosto de 1572, “...Havendo respeito as causas e as razões alegadas e de legítimas sobre este caso visto hei por bem e me apraz de fazer vilo o dito lugar de Esposende, e quero que daqui em diante para sempre se possa chamar e chame vila de Esposende, e a tiro aparto de qualquer sujeição e superioridade, que a dita vila de Barcelos nele tem...” Estava consumada a pretensão dos 340 para 400 vizinhos, juntos e arruados do lugar de Esposende, mui nobre de casarias, com setenta para oitenta navios grandes e de alto bordo, já desligado das obrigações religiosas por acção do Arcebispo D. Frei Bartolomeu dos Mártires, entre 1560 e 1566. O seu aro territorial ficou constituído pelas freguesias: Marinhas, S. Bartolomeu do Mar, Vila-Chã, S. Cláudio (Curvos), Gemeses, Gandra, com limites até ao rio Cávado.

O Professor Doutor Veríssimo Serrão refere no vol.

que fiz e tenho, que me pede cantigas e eu escrevo obediente e tenho até um livro de poesia prestes a ser editado não para mostrar-me, mas para mostrar a minha terra como uma prova de amor que ainda mantém-me vivo a sonhar como o menino que a deixou inconformado e quer voltar a brincar.

Como me faz bem falar de Fão, senhor Director, que agora faz-se mais presente em mim pelas palavras de “O Novo Fangueiro” que diz e mostra, toca-me como nenhum jornal do mundo o que quero ouvir para atenuar meu inconformismo emigrante.

Agradeço a atenção e subscrevo-me,

Atenciosamente

Manuel Maria Martins Monteiro

P.S. – O livro de minha autoria que está prestes a ser publicado com o título de “Derivações” é, como o nome indica, quase todo derivado de Fão.

Remeto em anexo alguns textos que dele farão parte — Rodas, Cavalos de Fão, Bonança, Marachão e Meio-Dia – que o senhor Director pode publicar a seu critério, isto se os julgar merecedores das páginas de “O Novo Fangueiro”.

Brasão das Autarquias

S. BARTOLOMEU DO MAR

S. Bartolomeu do Mar é das freguesias mais antigas do concelho de Esposende: integrou o território de Esposende quando do Foral de D. Sebastião.

Nas inquirições de 1220 e nas seguintes, m. 1258, consta como paróquia de S. Bartolomeu de Vila d'Anton e de S. Bartolomeu de Marinhas. Mais tarde, a sua designação passou a S. Bartolomeu do Mar, tal como consta na Carta Régia de Foral, em 1572.

Em termos arqueológicos, possui alguns vestígios o que demonstra a sua antiguidade: instrumentos de pedra e da época megalítica, isto é, dolman ou sepultura no lugar de Pena d'Orca, destruída, mas com objectos cerâmicos; o topónimo Casa dos Mouros, também, identifica a antiguidade da freguesia e, ainda, o menhir junto à igreja paróquial, monumento de forma fálica, monolítico.

A Carta Régia de D. Sebastião quando referencia S. Bartolomeu do Mar, a norte, para delimitar o aro concelhio, nada se diz sobre a importância da freguesia.



I da sua História de Portugal (pág. 20) sobre o rio Cávado e outros do Norte: “Esses rios eram, também, pontos fulcrais... (Esposende), para o intercâmbio marítimo com o Reino e o estrangeiro” – Século XVI. E, a pág. 200: “Também causa espanto que povoações hoje fixadas à terra, como Fão, Vila do Conde, Azurara tivessem sido portos de mar, como entrada e escoamento de produtos das suas regiões”, (Idade média). Em 1530 Fão e Esposende tinham estaleiros e neles se fabricavam naus de vária tonclagem.

Por volta de 1550, os portos de Vila do Conde, Azurara, Fão e Esposende cresceram “devido à projecção do comércio regional e aos novos caminhos que se abriram para a economia ultramarina”. Porto com bastante movimento era, também, o de Viana do Castelo”.

Esposende conheceu, depois, fases de desenvolvimento e de expansão: com a reforma administrativa de 1836, anexou: Apúlia, Fonte Boa, Rio Tinto, Fão, Palmeira de Faro, Antas e Belinho. A sua importância afeiu-se pela abertura do serviço Telegrafo-Postal, em Fevereiro de 1867.

O primeiro jornal aparece em 1886, a festejar a criação do Julgado Municipal (29 de Julho). Mas a comarca seria criada a 27 de Outubro de 1898.

As invasões francesas, entre 1808 e 1810 trouxe estragos consideráveis, dos quais, a Revolta da Patuleia, em 1846 acentuou-se o estado de crise que afectou os meios rurais, em que se incluiu Esposende. Decorriam as obras de canalização do rio Cávado, autorizadas por Alvará de 20 de Fevereiro de 1795, de D. Maria.

As lutas partidárias “abanou” nos finais do século XIX a população, a que se seguiu a I República e o Movimento do 28 de Maio de 1926. Não impediu, contudo, a entrada da energia eléctrica, inaugurada a 10 de Julho de 1927. Depois, as crises dos conflitos mundiais: 1914 a 1918 e, posteriormente, a crise da guerra de 1939 a 1945 que afectou a construção naval, depois do fluxo da emigração e novo compasso de espera no desenvolvimento de Esposende e do seu concelho colonial, influenciou, mais uma vez o rumo previsto.

As comemorações do IV centenário do foral de D. Sebastião tentaram a mudança durante o ano de 1972 e, quando se julgava que seria agora o arranque do desenvolvimento, através do VI Plano de Fomento, o Movimento Militar de 25 de Abril de 1974 fez adiar, de novo, as esperanças de um futuro risonho.

Esposende cidade, pela Lei 28/93, de 27 de Maio trouxe mais abertura para o concelho, mudou a face dos centros urbanos mais importantes: Esposende, Fão, Apúlia e Forjães, mais voltadas para o Turismo, como indústria de futuro; além de outras actividades, sente agora dificuldades em fixar os seus naturais.

NOTA: (Consultas): “O Esposendense”, História Religiosa da Paróquia de Sta. Maria dos Anjos, de Mons. Baptista de Sousa; Esposende, Breve Roteiro Histórico, Dr. Penteadó Neiva; Professor Doutor Brochado de Almeida, “História de Arqueologia de Esposende”; O Brigadeiro Custódio César e a Praça de Valença, do Eng.º J. M. Oliveira Martins.

(Continua)

Todavia, no inquérito paróquial de Maio de 1758, nada consta de interesse: Mar é uma aldeia do termo de Esposende e o seu povo é constituído por 30 fogos. No inquérito de Setembro de 1886, sobre o concelho de Esposende, consta, em especial: S. Bartolomeu é banhada pelo Oceano atlântico, de caminhos intransitáveis para Vila Chã. Tem 72 fogos e 380 habitantes e sobre indústria, apenas se fabrica algum linho e dedica-se ao arço.

Temos referido que as freguesias têm o direito de usar brasão, como símbolo da sua antiguidade e de autarquia, situação regulamentada pela Lei 53/91 por essa razão, dada a sua importância no concelho de Esposende, depois de aprovada a proposta, ficou estabelecido o Brasão:

Escudo de prata ondeado de verde, com pira (pirâmide) de ouro, carregada de um galo negro, barbelado e membrado de vermelho, tendo brocante uma faca de vermelho encabada de negro e posta em barra. Coroa mural de prata de três torres. Listel branco, com a legenda a negro: Mar - Esposende.

Até à descrição se compreende a proximidade do mar e os sinais dedicados ao Apóstolo S. Bartolomeu. Seja como for, esta freguesia tem origem no princípio da criação do concelho.

PÁGINA JOVEM

Olá jovens! De novo em aulas, cumpre-se a rotina de mais um ano. Mas, aí temos, já a chegar, o Carnaval, e uma semana para descontrair e divertir... sem excesso, claro! Bom Carnaval!

Poema sem título

*Restos do Tempo
Agora que envelheces*

*Retalhos de Retábulo
Nas faces*

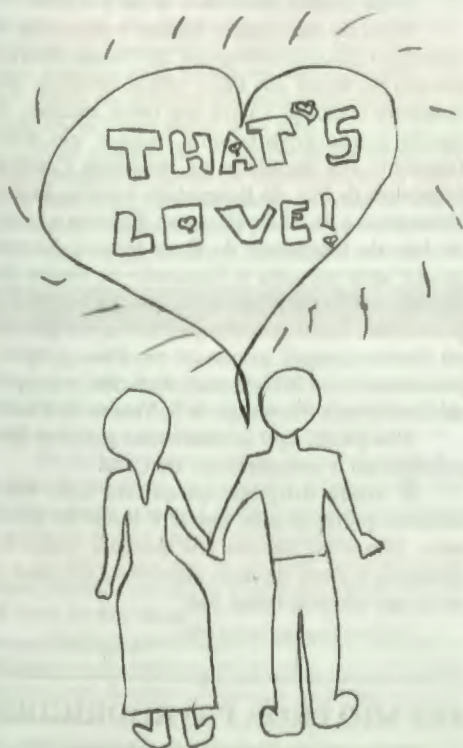
O Teu gesto

De cicatriz

Na cal

AURELINO COSTA
in "Na raiz do Tempo"

Dia dos Namorados



Desenho de JOANA SÍLVIA (12 anos)



Uma senhora, casada com um homem que bebia muito vinho, foi um dia mordida no nariz por um mosquito.

Como era de pele muito branca, notava-se muito o nariz todo vermelho.

Um sujeito vizinho, ao vê-la assim, comentou para outro:

*– Coitada da D. Sigismunda!
O marido é que bebe e ela é que fica com o nariz vermelho!*

Um cobrador vai a casa de um cliente receber uma dívida. O dono da casa, que o viu de dentro da janela, manda a empregada dizer que ele saiu.

O cobrador pergunta: – O senhor Josefino está?

A empregada (que estava há pouco tempo na casa): – Não, senhor.

O cobrador: – E quando é estará?

A empregada: – Isso não sei! Quando o senhor Josefino manda dizer que não está em casa, nunca se sabe quando volta!...

A CAÇADA DE DOM FROIAZ

Contos
para crianças
de
JAIME
CORTESÃO

(Continuação)

Não faltavam também aquelas lindas conchas redondas e estriadas a que chamam *patelas*, quase sempre de cor verde e muitas vezes estreladas.

E tão-pouco os ramos de *coral* vermelho, as *estrelas do mar* de várias cores movendo os grandes braços, as *madréporas*, os *ouriços* e os *corações da Índia*.

E até, de quando em quando, o Mar tirava das entranhas as jóias mais belas que possui e vinham ter à praia, presas ainda à concha, pérolas enormes, redondas e macias, como lágrimas de luar e céu amanhecendo.

Ora um dia sucedeu que Dom Froiaz viera sozinho com seus filhos para a praia; e um deles, o mais mocinho, que mal se erguia ainda sobre as pernas, conseguiu, por descuido do pai, trepar a um recife, que entrava pelo mar, e seguir por ele até a ponta.

De súbito veio uma onda que o levou e, depois de o prender naquele redemoinho em que elas se desfazem, atirou o menino para o largo.

(Continua)

CASTIGO

*Minhas algemas de dor
Em pulsos de sofrimento.
Seja lá pelo que for
Estou condenada ao tormento.*

*De não poder agarrar,
Nem segurar, nem prender,
As tuas mãos de luar
A luz do sol, ao morrer.*

ANA MARIA

Esta página tem o patrocínio de:

FOR BODY
SPORTSWEAR

ESPOSENDE

DE ARTUR L. COSTA

(Continuado da pág. 2)

a Fábrica da Igreja Paroquial de Santa Maria dos Anjos, processo que data de 1995.

Encontra-se em fase de apreciação técnica e aprovação na Câmara Municipal de Esposende, o projecto das obras para a recuperação do edifício. O Padre Delfim Fernandes, Reitor da Paróquia, esclareceu que vai iniciar a recuperação a partir do telhado e dos tectos, obras a partir das quais se farão outros arranjos e correcções interiores, além de ajustamentos às necessidades do culto e de actualização de espaços e, em princípio, retomado modelo original.

A comparticipação do Estado é de seis mil contos, divididas em duas partes, sendo a primeira como adiantamento com prazo de 180 dias depois de iniciadas as obras. A comparticipação foi considerada na base de orçamento de 10 mil contos, muito embora, na opinião do Reitor, os custos sejam mais elevados.

Lembra-se que a Igreja Matriz de Esposende é construção do século XVI, a partir da capela de N. S.ª da Graça, com alterações ao longo dos tempos, com estilos de acordo com as épocas. Já em 1706, quando o Padre Carvalho da Costa se referiu à igreja local, diz: "é das primeiras do termo", considerando a sua arquitectura e volume.

Já se iniciaram as acções de angariação de fundos, para se conseguirem custear as obras. Espera-se o apoio dos fiéis e amigos de Esposende, que certamente, vão colaborar com a Paróquia.

Actividade dos Bombeiros em 2000

Há 18 mortos por acidentes

No decorrer do ano findo, a Corporação dos Bombeiros Voluntários de Esposende acudiu a 10.214 serviços de socorro, entre eles, os que provocaram 18 mortos: 2 por atropelamento, 2 por acidentes marítimo e fluvial e 12 por doença súbita. Assinale-se a baixa considerável de mortes por acidentes rodoviários.

Das intervenções por outros motivos, será de referir: 91 incêndios em áreas rurais e 10 na área urbana; 7 de transportes e 14 em áreas não especificadas. Os acidentes rodoviários foram 240, com dois mortos; os náuticos são 12, com dois mortos e acidentes de trabalhos registados foram 33. As saídas de emergência foram 1393 e de condução de doentes 7.534. Nos citados números figuram bastantes chamadas falsas e os acidentes por motivos não especificados foram (326).

Os serviços prestados obrigaram as viaturas a percorrer 283.536 quilómetros e consumiram de ocupação total, 438 dias.

Visitas Pastorais ao Arciprestado de Esposende

Estão agendadas as datas das Visitas Pastorais pelo Arcebispo de Braga, D. Jorge Ortega e dos Bispos Auxiliares, D. Antonino Dias e D. António Marto.

As vistas têm início a 4 de Março próximo e começam nas paróquias de Curvos, Gandra e Vila Chã. As restantes continuam a 11 de Março nas Paróquias de Antas, Belinho e Mar; a 18, Apúlia, Fão, e Rio Tinto; a 25, serão visitadas: Marinhas, Fonte Boa e Forjães e a 1 de Abril, último dia da visita: em Palmeira, Gemeses e Esposende.

Segundo a história, "Esposende possui a acta mais antiga das arquidioceses de Braga", revelou o Professor Doutor Franquelim Neiva Soares. Data de 13 de Janeiro

de 1560. Aliás, esta postura resulta "da vontade expressa pelos Bispos que no século XV iniciam a sua revitalização", com o o concílio de Trento (1545-1563 que promulgou importantes cânones, um dos quais, "a obrigatoriedade de os Patriarcas, Primazes, Metropolitanos e Bispos visitarem as suas dioceses e a partir delas, tomarem conhecimento dos problemas". D. Frei Bartolomeu dos Mártires, "foi o campeão número um dessa prática proposta saída da reforma tridentina e calcorreou quase toda a dioceses".

Educação Ambiental distribui prémios

Integrado no projecto "Educação Ambiental" a Câmara Municipal entregou 70 colunas de som e outros tantos "scanner", além de microscópios a escolas do ensino básico, Jardins de Infância, Creches e ATL's do concelho de Esposende.

Em sessão presidida pelo Vereador da Cultura, Dr. Penteadinho Neiva, no dia 18 de Janeiro findo, o Salão Nobre ficou repleto com os representantes das instituições participantes no projecto.

O "Ranking de Reciclagens" movimentou as instituições pois disse o Vereador Penteadinho Neiva: "A Câmara Municipal é motor de arranque às iniciativas e trabalha com vocês", elogiando a participação e "trabalho profícuo e o apoio ao meio ambiente". Salientou, também: "o Ranking de reciclagem" contribuiu para a recolha de mais de 200 toneladas de papel, correspondendo a cerca de 3000 árvores poupadas à floresta". Disse, a terminar: "Podem contar com o nosso apoio para abraçar o Ambiente".

Receberam microscópios, por se classificarem em 3.º lugar do "Ranking": Escola de Estrada n.º 1, Antas; Guilheta - Antas e o Infantário de Calvário - Gemeses.

Estiveram presentes à cerimónia, os Vereadores Jorge Cardoso e a Eng.ª Maria Fernanda, com orientação da cerimónia pela Eng.ª Alexandra.

PEDRAS QUE FALAM

Há muito que andava com isto na ideia: mais ou menos, as primeiras pedras de Fão.

E as coisas bailam-me no pensamento (as ideias são minhas irmãs) e, numa hora de calma ou de nervoso desalento, estou a escrever as minhas pedras — ideias ou ideias — pedras.

A Foz do Cávado é um local paradisíaco: os deuses estavam inspirados nesse instante de criação.

Fazer a travessia do Rio Cávado, é, então, um deslumbramento. Do lado esquerdo encontramos, pasmados, a milenária Fão, com os seus feitiços, as suas lendas e tradições.

É um centro histórico a quem pouco dão o devido valor ou disse têm conhecimento.

Fundada como povoação organizada desde o século X, em 997, D. Flámulas lega esta povoação do Mosteiro de Guimarães. Mais tarde, D. Afonso Henriques (séc. XII), doa os impostos do sal ao Abade do Mosteiro de Santa Maria do Bouro.

Assim se transforma Fão no século X, XI, XII, num dos maiores centros salinheiros da época - Condado Portucalense. Na Idade Média, a população sofre uma recessão.

É através da Necrópole de Fão que são feitos esses estudos antropológicos.

Mas a sua economia sobe e muito, nos séculos XVIII, e XIX. A emigração para o Brasil traz muito dinheiro para essas famílias fangeiras.

É prova disso os palacetes que ainda hoje existem a comprovar esse colonialismo.

Os seus monumentos mais importantes são: a Igreja da Misericórdia, a Matriz, o Templo do Bom Jesus de Fão, típico santuário de peregrinação.

Ao lado da Matriz pode hoje admirar-se um palacete de perfeita arquitectura da época brasileira.

O Largo do Cortilhal foi o meu amor primeiro e último... Mas isso é muito mais recente.

Se prometi falar de história - da história de Fão - vou relembrar alguma coisa do que reputo de mais significativo em termos da fundação desta povoação ímpar - a necrópole medieval de Fão.

Foi ela um dos mais importantes cemitérios da

(Continua na pág. 7)

O PERFIL DO MÊS

(Cont. da pág. 1)

coisas da guerra e, por isso, à hora das "notícias", juntava-se grande número de homens na mercearia acima mencionada. Um dos que nunca faltavam era o Álvaro Carapuça, nosso parente e igualmente sobrinho do tio Zé (Setenta). Vinha ainda o Magalhães, o Joaquim Bermudes, o David Córdio, o Alfredo da Isolina, o Zé Serguilha, o António Cuco, o sr. Gaspar, o Joaquim Gaifém, seu irmão Manel Tenente, o Rafael, o Zé Mena, às vezes o Zé da Olaia e outros. Uma das pessoas que geralmente aparecia era o Zé Maia que não morava nas Pedreiras. Estamos a lembrar que o Celestino, recém-chegado de África, também tinha um aparelho TSF que em certas ocasiões colocava à janela.

Frequentemente corriam boatos; o medo, os receios criavam angústia; as pessoas queriam saber novas, havia sempre o medo de Portugal entrar na guerra, de ser invadido ou bombardeado e como o rádio só dava notícias a horas certas, chamava-se o Carlos para ele traduzir ou explicar aquilo que as emissoras estrangeiras comunicavam. O Carlinhos parecia assim um Menino Jesus mais crescido entre os doutores. Não se coibia de falar àquelas pessoas que o escutavam em silêncio.

Terminado o Curso Geral dos Liceus (6.º ano), o C. M. procura emprego e assim opta pelos Correios após um período de estágio nas Contribuições e Impostos. Nos CTT foi um vencedor e as suas performances repercutiam-se com certa vibração no interior e nas esquinas das casas de Fão. Daí uma certa auréola entre os moradores locais. Informa a propósito o seu antigo colega Artur Costa: "Através de vários concursos, ascendeu sucessivamente, às seguintes categorias: 3.º oficial em 1954 a 2.º oficial em 1957; é primeiro oficial em 1964 e Chefe dos Serviços de Exploração da 2.ª classe em 29-12-1966. Passou então a integrar o estatuto de licenciado com a respectiva mudança de carreira. Atingiu o topo como Técnico Especialista Postal, consultor, EPTR.

A seu pedido, aposentou-se em 1-5-1987".⁽¹⁾

Além de funcionário distinto e exemplar, o cidadão Carlos Domingues da Venda Mariz, nascido no Brasil em 1922, tem-se revelado um fangeiro dedicado à terra que todos amamos. É aquilo a que costumamos chamar um bom fangeiro. Foi Secretário da Juventude Católica Masculina de Fão, da Benemérita Associação dos Voluntários e do Clube Fãoense. Exerceu o cargo de Juiz da Irmandade do Bom Jesus e durante quatro anos presidiu à Comissão de Festas do Senhor de Fão. Revelando um carácter esmolero e preocupado com a pobreza que, de vez em quando ou quase sempre grassava em Fão, propôs, juntamente com Júlio Gomes da Fonte, a criação da Conferência Masculina de S. Vicente de Paulo.

Não param aqui as referências positivas que incorporam a personalidade de C. M.

É ainda diligente jornalista com uma temática preferenciada: coisas e loisas da nossa terra. Não o faz movido por qualquer alarde de erudição: é antes de mais uma prova de amor à terra que adoptou como sua.

⁽¹⁾ O Novo Fangeiro de 10-1-2001.

Armando Saraiva

PRÉMIO PROF. PIO RODRIGUES

Na Escola das Pedreiras foram contemplados os seguintes alunos:

Nuno Miguel Gonçalves de Sá e Raquel Alexandra Lima Rodrigues.

SUBSÍDIOS PARA A HISTÓRIA DO FUTEBOL EM FÃO

Armando Saraiva

Para falar do futebol em Fão, impõe-se, antes de mais que nos aventuremos pela tentativa duma explicação sobre este fenómeno social mais importante, nos dias de hoje. E dizemos mais importante baseando-nos na estatística e nos estudos realizados por Desmond Morris e que ele apresenta no livro **TRIBO DO FUTEBOL**. Aí nos dá conta que a final da Taça do Mundo entre a Argentina e a Holanda, realizada em Junho de 1978, teve a maior audiência em realizações da iniciativa humana: nada menos que mil milhões de pessoas, ou seja, um quarto da população total abandonou nesse dia tudo o que estava a fazer ou devia fazer, para fixar os olhos num pequeno rectângulo de relva, situado algures, num estádio da América do sul e que a televisão focalizara. Do que é capaz a magia do futebol...

No que a nós, portugueses, diz respeito, podemos afirmar, sem possibilidade de erro, que o acontecimento que mais tenazmente prendeu, subjogou e manietou a atenção dos nossos compatriotas foi o campeonato europeu de futebol, efectuado no ano jubileu 2000. Não será simples força de expressão afirmar que quando a nossa equipa actuava, nesse momento, nessa hora e meia, o país como que suspendia o seu normal modo de viver, como que deixava de respirar.

Mas porquê esta força, este fascínio, esta cultura do futebol? Para responder a esta interrogação, temos que recuar milhares de anos, sim, para os tempos pré-históricos em que os homens defrontavam os animais, alguns de maior porte, para conseguirem carne para a sua alimentação. Sem dúvida que esse viver agónico do ser humano despertou nele a astúcia, os reflexos e a inteligência, o que permitiu uma maior cerebralização que o fez evoluir para estádios mais perfeitos da existência. Mercê desse aperfeiçoamento contínuo que se processou ao longo dos milénios, surgiu a agricultura que modificou estruturalmente o modo de viver do homem. Assim, a errância ou o nomadismo deu lugar à sedentarização, o que conferiu logo outro aspecto às habitações. As cabanas feitas de ramos e peles são abandonadas e substituídas por grandes casas de barro amassado. O homem, de predador passa a cultivador e já não precisa de se mudar constantemente à procura de caça, cereais e frutos. A domesticação de animais e de plantas permite-lhe conservar e ter sempre à mão algo para se alimentar. Mercê desta evolução ou destas revoluções sucessivas, sobra-lhe tempo para os folguedos e destes ele vai privilegiar a caça que a partir do neolítico passa a ser mais um jogo, um passatempo do que uma alucinante preocupação de subsistência. Quase que famos dizer que então acontecia o que hoje ocorre com as touradas: são sem dúvida um divertimento (para quem gosta) mas a carne dos bovídeos não se deita fora.

Com a criação das povoações ou aldeias, que foi uma consequência natural da sedentarização, os jogos ou as lutas com os animais passam a realizar-se dentro dos centros urbanos, havendo para isso necessidade de criar estádios próprios para os espectáculos onde haveria

lugar para as lutas, ou seja, para a arena e também para os espectadores. Começa para a época dos desportos sangrentos. O primeiro desses recintos a ser criado foi o Coliseu de Roma. Segundo o já citado Desmond Morris, no dia da inauguração morreram 5000 animais. Nos cem dias seguintes foram mortos mais 9000. A carnificina prolongou-se por mais 500 anos, altura em que começou a ser contestada. Entretanto criou-se a Real Sociedade Protectora dos Animais no início do séc. XIX que por sua vez levou a extinguir os aludidos desportos. Havia no entanto que criar passatempos para as multidões ou seja para os seus tempos livres, passatempos mais racionais, pelo menos não criminosos, e assim surgiu o futebol que de algum modo apresenta certas analogias com o antigo jogo da caça, pois foi esta quem modelou fisiologicamente o homem. Desenvolveu nele sentido de cooperação e entre-ajuda. "Utilizando estas qualidades e trabalhando em equipe - um bando - podiam planejar estratégias, cometer táticas, correr riscos, montar armadilhas" (1) e por fim, visar a morte em termos de futebol quer significar o golo.

Os jogos com bola tinham já uma duração de milhares de anos. É certo que nesses tempos de antanho os jogos com bola não possuíam a virilidade dos jogos actuais. E porquê? Devido à fragilidade, dos próprios esféricos.

As mais antigas bolas do mundo encontram-se presentemente no Museu Britânico e correspondem à civilização antiga do Egipto. Apresentam três cores, vermelho, verde e amarelo e são feitas de pano com colmo cortado e palha por dentro. Noutras regiões utilizavam-se bolas de pano ou de peles cosidas entre si e cheias por dentro com substâncias variáveis: terra, grãos, fibras vegetais, cascas de milho, cabelos ou penas. As bexigas de porcos e de outros animais também eram utilizadas como invólucros, mas mesmo que em alguns casos fossem reforçados com tiras de couro, o pontapé era inviável.

Por ocasião da 2.ª viagem de Colombo à América, no séc. XVI, os europeus tomam contacto com as bolas feitas com a goma das árvores de borracha, bolas que no séc. XIX atingiam a perfeição suprema. Pois é exactamente neste século que o futebol inicia o seu apogeu.

(Continua)

(1) Desmond Morris - obra citada.

DAR SANGUE É DAR VIDA



SANGUE: dar hoje, para ter amanhã
SANGUE: o dever de dar,
antes do direito de o receber

PEDRAS QUE FALAM

(Continuação da pág. 6)

Idade Média em toda a Península Ibérica, com duzentas sepulturas entre os séculos XI e XIV.

Supõe-se que esses enterramentos, essas mortes, portanto, foram provocadas pela Peste Negra que atacou a Europa em finais do século XIV.

Quis nesta breve visão de Fão antigo, provar a sua enorme importância histórica, que outras terras, talvez mais luzidas, não têm, nem nunca tiveram.

Desculpem-me a analogia: com se diz das pessoas, eu também ouso dizer que Fão tem berço. E isso nota-se bem.

(Foi consultado o "Roteiro - Esposende um privilégio da natureza").

Pagaram a assinatura

Dr. Luís Novais, 1500\$00; Dr. Américo Seixas, 1500\$00; Dr. Rosália Teixeira, 8000\$00; António Miquelino, 12.000\$00; António Pinto Macedo, 1500\$00; Óptica Oliveira, 6000\$00; Ourivesaria Paz, 1500\$00; Nelson Cardoso, 1000\$00; Dr. José Novais, 1500\$00; Virgínia Alves Carvalho, 1000\$00; Fernando Marques Almeida, 11.000\$00; José Ramos da Silva, 1000\$00; Cândido Gaifém da Costa, 1000\$00; Dr. Milton Pinho, 1000\$00; José Armindo Machado Andrade, 1000\$00; Marcos Reis, 1000\$00; Alfredo Palmeira Machado, 1000\$00; Luís António Sequeira Peixoto, 1000\$00; Alexandre Sousa da Fonseca, 1000\$00; D. Elvira Pires de Carvalho, 1500\$00; D. Rosália Pinheiro Borda, 1000\$00; Aurélio Fernando Filipe, 1000\$00; José Belo, 1000\$00; Manuel Pedras Viana, 1000\$00; António Azevedo, 1000\$00; Família de Artur Sobral, 1000\$00; Pedro Graça, 1000\$00; Adelino Monteiro, 1000\$00; Ascânio Monteiro, 1000\$00; Mário dos Santos Ferreira, 1000\$00; Carlos Alberto Pereira dos Santos Ferreira, 1000\$00; Domingos Morais da Silva, 1000\$00; Eng.º Fernando Sousa Costa Mariz, 1000\$00.



Clínica Dentária Conde de Castro

Cláudia Silva / Sandra Silva
Médicas Dentistas

Horário de Funcionamento

2.ª a 6.ª feira: das 9:30 às 12:30 e das 14:30 às 19:30h
Sábado: das 9:30 às 12:30

Rua Conde de Castro, 25 - 1.º Esquerdo/Frente
4740 ESPOSENDE Telefone: 253.96 16 16



ANTÓNIO NOBRE, O MAR E OS PESCADORES*

O grande poeta faleceu aos 33 anos, no dia 18 de Março de 1900, numa casa sita no chamado Caminho dos Correios, que ligava a Foz do Douro a Nevogilde, entre a terra e o mar (actual Av. Brasil, 531).

Da sua casa via o estado do mar, a sua ondulação, a linha do horizonte, as gaiotas e os pôr-do-sol. Via também chegar as nuvens, desde o noroeste ao sudoeste e sentia no rosto a nortada predominante.

À noite e nos dias de nevoeiro, via o piscar do Farol (Farolim), no cais de Felgueiras, situado a norte da barra do Rio Douro.

Assistia à aproximação a este Farol, dos navios mercantes e das embarcações de pesca, que se dirigiam ao Rio, para alcançar o Porto e os vários aglomerados piscatórios.

Na frente da sua casa estendia-se uma praia rochosa, com uma série de baixios, que terminavam num grande rochedo, chamado "a pedra do Gilreu", sempre visível.

Mais para norte, surgia o Molhe de Carreiros, que defendia um abrigo de barcos de pesca, mencionado em "As Farpas", por Ramalho Ortigão. Era o chamado Porto de Carreiros e a praia adjacente, a Praia do Molhe.

Próximo da casa, desaguava o Ribeiro de Gondarém ou Rio de Portuzelo, mais conhecido por Ribeirinho.

Para a traseira da casa, estendia-se a Bouça do Crasto.

Diante dos seus olhos via passar navios e vapores, como: Barca, Brigue, Escuna, Fragata, Iate, Patacho, Bergantim, Chalupa, Galera, Palhobote, etc., provavelmente.

Também via passar embarcações de pesca como: Lancha, Batel, Catraia, Bateira, Caíque, etc.

As peixeiras chamadas de Vareiras, passavam com o pescado e apreçoavam-no para venda.

Alguns pescadores postavam-se sobre os rochedos da praia, a pescar à cana algum robalo, tainha, faneca, enguia, safio, etc.

O poeta estava doente de "tísica", conhecida por "peste branca" e sentia-se doente do peito.

Não queria que se soubesse que estava doente.

O poeta nascera no Porto, em 16-8 de 1867. Esta família poderá ter origem em um Nobre de Tavira, do século XVI, cujas armas são conhecidas.

Nobre confirma: "Leça fora também o cenário da minha meninice e da minha adolescência". Aí habitou até 1888, e depois na chamada "tebaida do João Moça" em 1889.

Porém, apesar de falecido em terras da Foz do Douro, foi sepultado na sua terra de origem.

Foi seu companheiro em Leça, por algum tempo, o poeta António Correia de Oliveira, que cantou: "Ó águas do Rio Leça! Lanchas da Póvoa e da Foz!..."

Certamente, o Poeta poderia visitar a antiga Quinta da Granja (hoje Quinta da Conceição), para os lados do nascente de sua casa, onde na capelinha de S. Francisco, se encontravam os despojos mortais de Frei João da Póvoa, falecido em 1506.

* Óscar Fangueiro

(CONTINUA)

O BOM JESUS DE FÃO

POR CARLOS MARIZ

PADRE AVELINO PINHEIRO BORDA

O Padre Avelino Pinheiro Borda era filho de João Dias dos Santos Borda e de D. Rosália Lopes Pinheiro. Nasceu em 27 de Junho de 1900 e faleceu a 28 de Setembro de 1990.

Ordenado sacerdote em 27 de Abril de 1924, cantou a primeira missa a 3 de Maio de 1924, no templo do Senhor Bom Jesus de Fão.

Foi perfeito no Seminário, em Braga e depois coadjutor na Colegiada de Guimarães. Passou algum tempo em Fão por ter adoecido. Foi, então, director do jornal "Ecos da Beira-Mar" que se publicou em Fão de 21-1V-1928 a Abril de 1929.

Tendo voltado a Guimarães, exerceu o cargo de sub-director das Oficinas de S. José. Foi professor na Escola Industrial e depois no Liceu Martins Sarmiento e no Colégio Egas Moniz e dirigente no Internato de Guimarães.

Tendo atingido o limite de idade para a função pública e após intenso labor em Guimarães, aposentou-se e veio para a sua terra natal - Fão.

Grande devoto do Senhor Bom Jesus, celebrou muitas missas no seu templo, foi pregador na Festa do Corpo Santo de 1946, quando o Bom Jesus saiu à rua para agradecimento por Portugal ter escapado à hecatombe da Segunda Guerra Mundial. Já pregara nas festas de 1931-1934 e 1938. Dava gosto ouvi-lo pregar sermões, não só pelo grande valor da erudição do sermão mas porque a sua alma fangueira vibrava quando falava do Bom Jesus.

Sucedeu ao Prior Padre Manuel José Gonçalves como Pároco Encomendado de Fão, desde 25-12-1976 até 13-4-1977, tendo parodiado a nossa freguesia com geral agrado do povo de Fão, sendo então Capelão do Bom Jesus.

Foi Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Fão desde 1-1-1974 até 30-6-1977. Foi uma época difícil pois o Governo de então nacionalizou os hospitais das misericórdias.

Quando houve tentativa de nacionalização do Hospital de Fão, convocou uma Assembleia Geral de Irmãos, aos quais expôs a situação, tendo sido aprovado um voto de inteiro apoio à intansigente defesa do nosso hospital. E, no Congresso de Viseu, da Associação das Misericórdias Portuguesas, perante a informação do Ministro dos Assuntos Sociais, Dr. Armando Bacelar, de que só faltava nacionalizar três hospitais, sendo um o de Fão, o Padre Avelino, apoiado pelo secretário, Dr. Joaquim Peixoto, defendeu com grande calor a intangibilidade do Hospital de Fão, afrontando o Ministro dizendo-lhe: "Será mais fácil o Senhor Ministro passar por cima dos cadáveres de todos os fangueiros do que nacionalizar o seu hospital".

O Ministro ameaçou cortar o "miserável" subsídio de dois mil e quinhentos escudos. Resposta pronta: "viveremos sem ele!".

E o hospital de Fão não foi nacionalizado!

Na sua gerência preparou um projecto para construção de um Lar, anexo ao Hospital, para proporcionar melhores condições de vida aos seus hóspedes e libertar espaço para alargamento dos serviços hospitalares. Ainda conseguiu um subsídio de cinco mil contos para a obra e promessa de mais dez mil.

Não chegou a iniciar a obra por haver pedido a demissão do cargo em 1977.

O Lar veio a ser construído na gerência seguinte e inaugurado simbolicamente em 1-6-1980 e oficialmente em 14-12-1980.

Padre exemplar, muito bem quisto em Guimarães e Fão, o Padre Avelino foi figura de destaque no seu tempo.

Bibliografia: Dr. Armando Saraiva em "O Novo Fangueiro" n.º 1 e n.º 77, actas da Irmandade do Senhor Bom Jesus e Carlos Mariz "À Santa casa da Misericórdia de Fão - 4 Séculos de História".

CONVERSANDO...

Por CECÍLIA PAIXÃO AMORIM

(Continuado da pág. 10)

invenção que se pode fazer, para bem da humanidade sem provocar Deus.

Toda esta ânsia que assola o mundo, não é mais do que a insatisfação do homem, na hora actual.

Que o sonho dos homens, seja viver em paz, com alegria e ter o necessário para ser feliz.

DO BRASIL

Está entre nós de visita aos seus familiares a menina Maria Helena Fontes Lopes.

Boa estada.

OFERTAS

• Do sr. dr. Nuno Lima de Carvalho, Director Geral do Casino Estoril recebemos um CD com o título TEMPO que é a história da vida filosofada, musicada e coreografada... rumo à esperança de um novo milénio.

Agradecemos a prestimosa oferta.

• Também a sr.ª dr.ª Maria João Tarré, directora do Departamento Marketing do Casino da Póvoa, teve a amabilidade de nos remeter uma agenda 2001 editada com muito bom gosto. Bem haja.

PRECISA-SE

2 PINTORES G.C.

MANUEL FERREIRA CURTO

CONSTRUÇÃO E REPARAÇÕES DE EDIFÍCIOS
COM ALVARÁ C.C.

Telef. 253 98 23 45 - Telm. 919 40 95 30

Rua Padre Chaves, 9

4740 FÃO - Esposende

MIRADOURO DA ALMA

A POESIA POPULAR

A Poesia popular
Formou-se em filosofia;
É da experiência pilar
E mãe da sabedoria.

A Poesia popular
É do povo, deu-lha Deus.
É como mãe a ensinar
Sua vida aos filhos seus.

A Poesia popular
É com razão, "Voz de Deus"...
É mãe do povo a legar
A vida da vida, aos seus.

A Poesia popular
É miradouro da alma,
Que nele faz seu altar
E lhe dá verdade e calma.

Florinda Botelho de Almeida

COMISSÃO DE FESTAS SENHOR BOM JESUS DE FÃO ANOS 2001

António dos Anjos Mendanha, António Manuel Rodrigues Ferreira, Arménio Graça da Silva, Cândido Gaifém, Domingos Simões, Emídio Miranda Saraiva, Estes lemos, Francisco Torres, João Pinheiro, João Reis, Joaquim Campos Neves, José António Faria Gomes, José Luís Ribeiro, José Salvador Ferreira, Manuel Araújo (Branquinho), Nuno Zão, Rui Alexandre Barreiro da Cruz e Rui Firmino Ferreira Curto.

Como se vê, já há Comissão de Festas. Espera-se que todo o mundo colabore para que as Festas sejam as melhores de sempre.

NOVO TALHO JACINTO

Carnes de Qualidade "APÚLIA"

Talho 1 - ☎ 253 981 920

Talho 2 - ☎ 253 981 946

FAX 253 981 920

PÁGINA AGRÍCOLA



CULTURA DO PEPINO*

VARIEDADES DE ESTUFA

"Spora" (de estufim, só flores femininas), "Telegraph", (estufas aquecidas ou estufins, com flores masculinas e femininas).

VARIEDADES PARA CULTURA AO AR LIVRE

"Burpee Hybrid", "Burpleas" (resistente ao míldio), "Perfection".

O pepino é uma planta subtropical cultivada pelos seus frutos de pele verde, muito utilizados no estado cru em saladas. Os pepinos de estufa constituem tipos de hastes longas produtoras de frutos compridos e cilíndricos, enquanto os cultivados ao ar livre são rastejantes ou de conformação arbustiva e, em geral, desenvolvem frutos mais curtos e inchados.

CULTURA EM ESTUFA

São cultivados em ambientes à temperatura de 21° C-25° C (70° F-25° F). Decorrem quatro a cinco semanas desde a sementeira até à transplantação em finais de Março. Não plantar em estufas não aquecidas antes do fim de Maio.

Sementeira. - A semente desta planta germina de modo um tanto irregular, devendo ser submetida a tratamento adequado antes de ser lançada à terra. Envolver as sementes num pano de cozinha molhado e colocar o conjunto num recipiente de plástico que possa ser bem fechado. Manter num ambiente aquecido, como no interior de uma estufa provida de dispositivo de arejamento. A germinação inicia-se passados dois a três dias. Portanto, as sementes submetidas a este tratamento podem ser semeadas logo a seguir em recipientes

individuais. Colocar cada semente em vasilhos de turfa ou de plástico com 7,5 cm de boca, cheios com um composto de envasamento, como o John Innes n.º 1. Manter o ambiente à temperatura de 21° C (70° F). As plantas em desenvolvimento devem permanecer bem humedecidas e dispor de tutores onde sejam presas. Manter a atmosfera da estufa tão húmida quanto possível e garantir o crescimento adequado por meio da aplicação de um adubo líquido de composição equilibrada.

Sistemas de crescimento

Na estufa, embora os pepinos se possam plantar directamente no solo é preferível recorrer ao uso de recipientes (sacos) de crescimento, vasos ou fardos de palha ("straw bales"). O uso destes implica a impossibilidade de aspersões com herbicidas hormonais e a necessidade de tratamento e de fermentação antes de se proceder à plantação. Fazer uma pequena cama de composto, com o John Innes n.º 3, ao longo da parte média de cada fardo. Em seguida, efectuar a plantação nesta camada. Os sacos de crescimento também podem usar-se para a produção de pepino de estufa. Deixar duas plantas em cada saco. Alternativamente, desenvolver cada planta num vaso com 22 cm-25 cm de diâmetro, cheio com composto de tipo John Innes n.º 3.

Crescimento

O pepino de estufa desenvolve-se bem em ambientes com temperatura e humidade elevadas. A planta cresce com rapidez, necessitando de abundantes disponibilidades de água e de grandes aplicações de adubos sob a forma líquida, embora não seja recomendável o encharcamento do composto. As plantas devem ser tutoradas, enrolando-as ou amarrando-as a estacas de bambu (consultar a p. 1989).

Despontar os pontos de crescimento logo que as plantas atinjam o tecto da estufa.

As variedades mais antigas de pepino para cultura em estufa possuem flores masculinas e femininas mas as de introdução recente só produzem órgãos femininos. Na estufa, o pepino é produzido sem polinização, sendo de muito interesse a eliminação das flores masculinas que eventualmente se desenvolvam, dado que a fertilização das femininas resulta na produção de frutos com sabor amargo. Atrás de cada flor feminina existe sempre um pequeno "embrião" de pepino.

Desponta

As despontas são também de grande importância. Os primeiros pepinos formam-se

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO

na axila das folhas, directamente na haste principal. Logo que se tenha verificado o seu desenvolvimento, deve permitir-se o crescimento de lançamentos laterais a partir das axilas foliares e deixar que neles também se originem frutos. Aparar os rebentos laterais depois da segunda folha. Serão produzidos mais pepinos nas axilas das folhas laterais. Usar uma navalha afiada para efectuar as despontas, mas com cuidado em virtude de as hastes quebrarem com facilidade.

Colheita

A partir de Maio, efectuar a colheita, com uma faca afiada, logo que os frutos atinjam o tamanho pretendido. As plantas regulam o número de frutos que podem produzir, caindo no solo o excesso durante as fases iniciais do desenvolvimento. Não deixar que cada planta produza muitos frutos, dado que o tamanho destes será prejudicado.

Pragas e doenças

O aranhaço vermelho e a mosca branca das estufas são, em geral, as pragas com ocorrência mais comum. Para o seu controlo pode recorrer-se a compostos de piretro. Contra a segunda das pragas mencionadas pode adoptar-se também o controlo biológico - realizado pelo uso da vespa *Encarsia formosa*. A enfermidade mais vulgar é o míldio pulverulento, que reveste as folhas com um pó branco. É controlado com fungicidas à base de benomilo.

CULTURA AO AR LIVRE

Os pepinos para salada e para conserva podem cultivar-se ao ar livre nos climas temperados frios, mas a obtenção de produções precoces só é possível desde que se recorra à protecção das plantas com abrigos apropriados, no decurso das primeiras fases. Para as variedades de qualquer dos tipos referidos, é necessária a polinização, razão por que devem manter-se as flores masculinas e femininas. As variedades de trepar japonesas para cultura ao ar livre, actualmente existentes, produzem frutos mais macios e compridos mas exigem uma disposição adequada em redes ou fiadas de arame até uma altura provável de 1,80m.

Solo - É essencial que o solo se caracterize pela fertilidade e boa capacidade de retenção de água. Preparar o meio para a plantação ou sementeira procedendo à abertura de covachos e enchendo-os com uma pá de estrume ou composto bem curtidos. Em seguida tapar com o solo, de modo a formar-se um montículo.

(Continua)

* Entre as variedades mais cultivadas no nosso país incluem-se: "Pepino Branco da Holanda", "Verde Comprido de Atenas", "Verde Comprido da China", "Santee", "Stone", "Cornichon Verde de Paris" (para conserva), etc. (N. do T.)

MAXIMINO CALAFATE E ROSA SILVA: 50 ANOS DE AMOR

No mês de Novembro passado os nossos conterrâneos Maximino Calafate e Rosa Silva festejaram os seus 50 anos de matrimónio na *Casa Aldeias de Portugal*, no Rio de Janeiro.

A propósito deste acontecimento festivo o jornal "Portugal em Foco", que se publica naquela cidade carioca, celebra o acontecimento com uma página repleta de fotografias, e o noticiário que a seguir produzimos.

"A Casa Aldeias de Portugal viveu momentos de muita emoção que só podem ser descritos por quem compareceu a esta linda festa que comemorou os cinquenta anos de união do casal Maximino Gonçalves Calafate e Rosa Silva. Um grande número de pessoas, entre parentes e



da Casa das Aldeias de Portugal, também fizeram questão de cumprimentar esse simpático casal por ocasião das Bodas de Ouro. O fadista Tristão da Silva filho, que esteve no Rio para uma tournée pelas casas regionais deixou um forte abraço para

o casal Maximino e Rosa, felicitando-os pela data especial e desejando que a feliz união perdure por toda a vida.

Uma bonita decoração de flores ornamentou a longa mesa onde estavam colocados os convidados.

Um imenso bolo graciosamente decorado com rosas, pombos e um grande coração, foi cortado ao final das comemorações dessa inesquecível data que deve permanecer gravada na memória de Maximino e Rosa".

"O Novo Fanguero" saúda com muito carinho este casal fanguero que se tem revelado um grande amigo do nosso jornal.

Esperamos estar todos vivos para as bodas de diamante.

R.F.



amigos, compareceu para celebrar junto com o casal Maximino e Rosa esta, que é uma importante marca na relação de duas pessoas, comprovando a relação de amor, carinho, amizade e companheirismo entre os dois.

Mira, a primeira dama e Fraguas, presidente

CONVERSANDO...

Por CECÍLIA PAIXÃO AMORIM

Estamos quísi na Primavera do novo milénio e é sempre nesta época do ano que se fazem mais projectos e se têm mais sonhos.

Seria bom que a humanidade sentisse à sua volta este sopro de calor para vencer todos os obstáculos e todas as adversidades que a vida lhe depara.

Neste Inverno só tem semeado a morte, a miséria e a dor.

As imagens, na televisão, chocam os corações mais endurecidos.

Além das vidas que se perdem e das casas e roupas que são destruídas pelas chuvas, as derrocadas de terras, vão ser muito difícil recompor tudo.

Há coisas irrecuperáveis, como o ambiente familiar, as recordações, os entes que desaparecem, etc., etc.

Os governos, por muito que queiram fazer, não podem refazer tudo.

Mesmo com muito boa vontade os estragos são muito avultados e as verbas não chegam para tudo.

A vida sobe a passos vertiginosos.

As exigências do dia-a-dia são cada vez maiores. Os ordenados são baixos, as exigências diárias, não se compadecem com os custos e as dificuldades da maioria da população.

Além da carístia da vida, não há por onde escolher coisas mais económicas.

Além disso há o receio de comprar artigos poluídos.

O mar está envenenado. As descargas dos óleos, e de todos os combustíveis são um caso assustador.

O carne é o que se vê.

Os vegetais, crescem à custa de produtos químicos que nos vão matando lentamente.

Nos continentes, chamados do 3.º mundo, as guerras, a fome, as pestes são autênticas foices de morte.

Os homens não se apercebem do abismo que nos esperam?

As grandes potências reúnem-se só para haver mais destruição.

Gastam-se milhares de contos nos laboratórios em experiências anti-humanas contra a Lei de Deus e sem que a humanidade melhore com esses estudos.

Não sou contra a ciência...

Deus me livre.

O que penso é que os homens querem ultrapassar o Poder de Deus.

Há cientistas que querem fazer dentro dum laboratório "o ser humano".

E querem ter poder para lhe dar o entendimento, as emoções, os sentimentos, etc., etc.

Cuidado... não provoquem a ira de Deus. Ele não se deixa minimizar!

Há tanta coisa que o homem pode fazer para melhorar a vida humana, sem ter que provocar a ira de Deus.

Teria muito mais para dizer mas fico por aqui.

Olhemos ao nosso redor e vejam que há muita

(Continua na pág. 8)

ESPOSENDE
PIZZERIA
Que Way
ROTA HISTÓRICA DA CIDADE

TAKE AWAY

ENTREGA GRÁTIS AO DOMICÍLIO

aprox. 30 minutos

BUFFET DE SALADAS

MASSAS VARIADAS

LASAGNAS

DIÁRIAS DE 2.ª A 6.ª FEIRA

PIZZERIA

☎ 253 961 566

Empreendimento
"Família Vinha"
alto no gaveto da Rua
Narciso Ferreira,
Senhora da Saúde e
Barão de Esposende,
loja 10 J

HORÁRIO DE
DISTRIBUIÇÃO:

3.ª A 6.ª FEIRA

12H às 15H / 19H às 22H

SÁBADO/DOMINGO:

12H às 22H



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA • ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



TESTE DE TRAVÕES



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



LAVAGEM ALTA PRESSÃO

Visite as nossas Exposições:

REIMELI

PORTO - RUA 5 DE OUTUBRO, 212 - TEL. 226 091 018 - 226 083 748 - FAX 226 673 85

DESPORTO

Por JOÃO PEDRAS



FUTEBOL

CAMPEONATO NACIONAL DA III DIVISÃO

Últimos resultados: Fão, 1 - Vianense, 0; Merelinsense, 2 - Fão, 0; Fão, 1 - Maria da Fonte, 0; e Valenciano, 2 - Fão, 0.

Duas vitórias em casa e duas derrotas fora de portas, coisa mais natural no futebol segundo a lógica. Mas há quem não aceite este raciocínio levando em conta as brilhantes exibições da turma fangueira nos confrontos (no campo Artur Sobral) perante fortes opositores posicionados no topo da tabela.

Ao fim da primeira volta desta prova, o Clube de Futebol de Fão ocupa na classificação geral uma posição que pode considerar-se surpreendente, mercê de seis vitórias e dois empates no seu reduto e, com mais partidas realizadas nos campos adversários obteve uma vitória e quatro empates. Com um plantel composto na sua maioria por jogadores oriundos dos regionais, muitos deles tiveram o brio de conseguirem duas subidas consecutivas de divisão a favor do clube fangueiro. Por tudo isto e, mais a natural ansiedade de quem está a disputar pela primeira vez um campeonato nacional, é caso para dizer chega, até sobra!

CLASSIFICAÇÃO

Maria da Fonte	35
Taipas	35
Serzedelo	35
Joane	35
Vianense	26
Terras do Bouro	25
C. F. FÃO	24
Os Limianos	24
Valenciano	23
Vilaverdense	22
Mirandês	21
F. C. Amaral	21
Montalegre	20
G. D. Monção	18
Neves F. C.	17
Cabeceirense	16
Merelinsense	15
Pedras Salgadas	5

CAMPEONATO REGIONAL DE JUVENIS

Alvelos, 4 - Fão, 0. Treinador ex-juvenil Frederico Belo.

CAMPEONATO REGIONAL DE INFANTIS

Fão, 7 - Forjães, 0. Esta equipa é treinada pelo ex-juvenil Vítor Fonseca.

HOQUEI EM PATINS

Campeonato Nacional da III Divisão

Séniores: Sobreira, 0. H. C. de Fão, 7; H. C. de Fão, 6 - Bragança, 1.

O Hoquei Clube de Fão ocupa o segundo lugar da classificação geral.

Campeonato Regional de Infantis

Valença, 4 - Hoquei C. de Fão, 1; H. C. de Fão, 1 - Seixas, 6.

CAMPEONATO DISTRITAL DE FUTSAL FEMININO DA ASSOCIAÇÃO DE BRAGA

Águias de Serpa Pinto, 3 - S. Veríssimo, 1. De novidade só a participação pela primeira vez numa prova oficial do Águias de Serpa Pinto, porque a deversificação de actividades desta agremiação desportiva e cultural das Pedreiras é tão rica que já não surpreende ninguém. Parabéns.

DE LUTO

Pela morte de um seu familiar, encontra-se de luto o nosso prezado amigo José Ferreira Graça (Zé Barbeiro) a quem apresentamos sentidas condolências.

FALECIMENTO

No dia 1 deste mês faleceu em Fão a nossa conterrânea Rosália Pinheiro Borda. Tinha 96 anos e ultimamente encontrava-se entevada.

Desta longeva geração, resta a D. Florinha que felizmente ainda calcurreia as ruas de Fão com seu passo leve e saltitante. Por muitos anos, Florinha.

Um tanto inesperadamente faleceu na sua casa em Fão o nosso conterrâneo e querido amigo Manuel Armando Gonçalves da Torre, mais conhecido ou também conhecido por Requeté.

O Armando Torre, espalhou o seu nome na terra e nos arredores através duma jeiteira inata para o futebol. Jogou em Fão, foi igualmente atleta do Académico do Porto, e foi dedicado treinador do Fão Praia F. Clube. Quem o ia buscar todos os domingos ao Porto, no seu automóvel e com a sua gasolina, era o António Torres, outro louco da nossa amada terra.

Este pranteado fangueiro, originário de família humilde, era muito educado, amável, um verdadeiro gentleman. Por mais de uma vez, na noite de Natal, veio a nossa casa expressamente para nos apresentar cumprimentos.

Anos atrás foi acometido por acidente artero-cerebral. Ficou bastante afectado e nunca mais recuperou.

Se não estamos em erro, foi esse o motivo que o levou a aposentar-se da Efacec.

Saudoso Requeté: Que descanses em paz, são os votos e as preces dos teus amigos.

No Lar da Terceira Idade, de Fão, onde se encontrava internada há oito anos faleceu Gentil Leal Ferreira Barbosa. Faria 95 anos no próximo 25 de Abril.

Era mãe de Maria Eugénia Barbosa que é a esposa do nosso prezado amigo Manuel Gomes da Costa.

Foi a enterrar no cemitério de Fão com grande acompanhamento de pessoas.

Às famílias enlutadas os nossos pêsames.

AGRADECIMENTO

A família de Gentil Leal Ferreira Barbosa vem por este meio agradecer a todas as pessoas que neste transe doloroso lhe manifestaram pesar e solidariedade.

MORTE DENTRO DO CARRO

No dia 20 de Janeiro, da parte da tarde, uma nossa conterrânea e um filho, quando passavam na Travessa dos Veigas depararam com um carro parado e a trabalhar com o condutor reclinado sobre o volante. Chamaram os Bombeiros que por sua vez reclamaram a presença da G.N.R. que verificou que o homem estava morto.

Tratava-se de João Vaz, natural e residente em Oliveira (Barcelos), que se deslocava ao Hospital de Fão para fazer exames.

Apresentamos sentimentos aos seus familiares.

FORÇA, FANGUEIRO

A nossa terra está finalmente na 1.ª Liga de Futebol. Bem não é que tenha uma equipa inteira a disputar o campeonato mas é uma parte importante do time. Estamos-nos a referir como já deram por ela ao nosso conterrâneo prof. Luís Campos que neste momento treina o Gil Vicente. Esta equipa, sob o seu comando já teve a desfaçatez de ir empatar ao estádio da Luz, no fim de Janeiro venceu o Marítimo por 2-0 e neste fim-de-semana empatou em Faro.

E por causa destas façanhas, já tem sido entrevistado por várias vezes pela televisão.

Estamos convencido que a carreira vem sendo seguida com a mesma atenção que a nossa equipa de futebol.

E agora os conterrâneos já não gritam só "Força Fão!", mas igualmente "Força, Fangueiro!".

Pelo Clube Náutico de Fão

O Clube Náutico de Fão, com o apoio da Câmara Municipal de Esposende, adquiriu uma viatura nova de 9 lugares, destinada a fazer o transporte dos seus atletas e embarcações.

O novo meio de transporte servirá também para



promover a prática de canoagem junto das escolas do concelho e transportar as crianças e jovens interessados na iniciação daquela modalidade.

Tem sido grande o esforço que a nova direcção, presidida pelo Dr. Manuel Capitão Vale, quer na gestão rigorosa tendente ao equilíbrio financeiro, quer na dinamização do clube, através da realização de diversas iniciativas e arranjos da zona envolvente do Posto Náutico de Fão. Foi também prioridade a melhoria das condições, equipamentos e embarcações utilizadas pelos atletas.

O Clube Náutico de Fão terminou o Campeonato Nacional em 6.º lugar de entre mais de quarenta clubes participantes.

O objectivo é colocá-lo entre os três primeiros clubes nacionais.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário Regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:

Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
 Maria Emília Corte-Real
 Fernando de Almeida
 Cecília de Amorim
 Dinis de Vilarelho
 J. C. Vinha Novais
 A. Ramos Assunção
 Artur L. Costa
 Rosália Oliveira
 João Pedras
 Carlos Mariz
 Marta Mariz Mendes
 Dias Costa
 Florinda de Almeida
 Maria Henrique Duval
 Rosa Fonseca
 António Viana
 Maria Salomé
 António Curado
 Lúcia

REGISTO DO TÍTULO: 110131

CONTRIBUINTE N.º 143 241 702

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:

Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua de Cima, 5 - 4740-353 FÃO ou
 Apart. 36 - 4740-908 FÃO
 Teln. 919 451 887 / Telfax. 226 000 295 / 253 981 475
 E-mail: onovofangueiro@teleweb.pt

TIRAGEM: 900 Exemplares

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA
 Rua Elias Garcia, 129 - 4490-628 PÓVOA DE VARZIM
 Telef. 252 615 230 / 252 684 318 - Fax 252 684 304

A cobrança de "O Novo Fangueiro" através dos Correios será por conta do assinante.

TARTAS DE MONDONEDO "Primas" das Clarinhas

A maior parte dos portuenses e dos nortenhos conhece da Galiza quase que só Vigo, o "Corte Inglês" e Sanxenxo, no Verão. Poucos são os que já passaram pelas zonas interiores, onde abundam motivos de interesse turístico, histórico, cultural, gastronómico e vinícola. Antiga capital da Galiza, Mondonedo é um desses (bons) exemplos, tal a monumentalidade da cidade e a quantidade de locais belos para visitar. Sem esquecer que é "berço" de grandes artistas, como Pascual Veiga (autor do hino galego) e o famoso escritor Álvaro Cunqueiro, entre outros. Mas há um "filho da terra" que aqui cito, porque, de certo modo, tem alguns pontos de contacto com as famosas



Medalha de Galicia 1993

Clarinhas de Fão. É o famoso Carlos Folgueira, no dizer do poeta Dario Cabana "que faz tartas como ninguém no mundo". Mesmo descontando algum exagero regionalista, o certo é que Carlos, já falecido, tem continuadores na sua bonita esposa e filho. E assim podem adquirir-se na típica casa museu as tartas de diversos tamanhos, provando os sabores de amêndoa, mel e o chamado "cabelo de anjo, (cabelo de anjo, ou seja a chila). A chila que é imprescindível nas nossas clarinhas fangueiras, também já tendo passado fronteiras. Como, aliás, o Carlos e os seus então famosos bigode e "pompons". Tendo sido distinguido com vinte condecorações, Carlos lá tem no pequeno e curioso museu fotografias com o actual Papa, Juan Carlos e Príncipe Filipe, Lola Flores, Isabel Pantoja, Isabel Presley, Jaime de Mora e Aragon, Fraga Iribarne, Camilo José Cela, vários outros escritores, artistas de teatro e de cinema de todo o mundo. Carlos e as suas tartas, "primas" das nossas excelentes Clarinhas. Terão estas sido alguma vez provadas pelo famoso filho de Mondonedo?

DIAS COSTA

CARTA AO DIRECTOR

Rio de Janeiro, 24 de Janeiro de 2001
Ao "O Novo Fangueiro"
Rua de Cima, 5 - 4740-353 FÃO
Senhor Director,

O jornal ainda é para mim o meio de comunicação que mais uso para informar-me de tudo. Gosto de ler jornais e a incorporação de "O Novo Fangueiro" aos meus hábitos já me deixa apreensivo se depois do dia dez de cada mês "demora" um pouquinho mais a chegar.

Por isso fico a pensar quando escrevi ao sr. Director para informar-me sobre o que fazer para tomar-me assinante. Isto já faz mais de um ano e embora sem pagar nada tenho recebido religiosamente o nosso jornal. Logo após a carta



SE O JARDIM DOS PATOS FALASSE...

Por ANTÓNIO CURADO

(Antigo jogador da Académica e actual presidente da CASA DA ACADÉMICA NO PORTO)

Portão principal do Jardim Botânico, em Coimbra, considerado, no género, um dos melhores do mundo, com a estátua do cientista BROTERO, logo à entrada, servindo de estático guardião e ostentando a "Borla e Capelo", insígnias de catedrático da conimbriga universidade. Mesmo em frente desse portão, do outro lado da avenida, situa-se desde há muitos anos, um alombado recinto ajardinado, não muito vasto, no meio do qual existe um ovalado lago, embelezado de nenúfares, peixinhos vermelhos e alguns palmípedes que, de pescoço erguido, grasnam de quando em vez, cuja permanência acabou por, popularmente, identificar o local como o JARDIM DOS PATOS.

Intermediando os floridos canteiros, meia dúzia de bancos normalmente utilizados, ao cair das tardes, por parzinhos amorosos rendendo-se às tentações afrodisíacas da deusa Vénus.

Se, de dia, tal sítio já era (e é!) pouquíssimo frequentado, de noite, então, devido à sua localização e com poucos candeeiros de frouxa luz, transformava-se em lugar ermo e sem viva alma, ainda por cima nele não existindo qualquer guarda nocturno ou polícia de giro, que garantissem o mínimo de segura vigilância. Enfim, apenas os sonolentos palmípedes na sua casota e os adormecidos peixinhos vermelhos entre os nenúfares, como seres vivos, a partir do cerrado das noites. Tudo silêncio, escuridão e desértico.

Ora, tão singular panorama era perfeitamente propício a certas irreverências da parte de estudantes mais atrevidos que, principalmente, nos finais do mês, já com a "mesada" consumida noutras desregradas deambulações, e aguardando que os seus paternos lhe remetessem a próxima, estavam desprovidos do "metal sonante" que lhe garantisse uma refeição mais opípara e bem regada por Deus Baco. E, vai daí...

As vítimas eram os inocentes e icautos patos do citado jardim, que depois de planeados "raptos", se transformavam, depois, em lautos e alegres banquetes, para consolo estomacal dos intrusos e incógnitos "raptadores".

E, por mais que a edibilidade teimasse em substituir os patos clandestinamente surripados, o certo é que, de quando em vez, o ovalado lago ficava novamente, desprovido de palmípedes. Era, para eles, fatal tal destino.

A prática dessas periódicas irreverências era já tão calculista e calmamente realizada, que, certa vez, o grupo de "raptadores" deixou afixado na casota dos "sequestrados" palmípedes, o seguinte verso pé-quebrado:

"Ó patos, tristes e abandonados,
Neste recinto de tanta solidão!
Vinde a nós, tesos, esfomeados
E esperando por uma boa refeição!"

Nunca houve, nem há ainda, testemunhas oculares que, em flagrante delito, tivessem assistido às intencionais incursões nocturnas dos "raptadores patorricidas".

Apenas uma, o estático cientista BROTERO, postado, mesmo em frente, no portão do Jardim Botânico, no seu monumento para a posteridade. Mas, esse, mudo e quedo, sentado no cadeirão e de "Borla e Capelo", nunca, sequer, às paredes o confessou, nem mesmo ainda hoje o confessa.

E, por assim ser, resta absolver as consciências dos "prevaricadores", vivam eles onde vivam e a idade que hoje tenham, e prestar "homenagem póstuma" aos patos sacrificados, que para sempre ficaram perpetuados nas lendas e tradições da Coimbra académica, ainda lembradas com saudade e emoção incontidas.

"Coisas de Coimbra - O pica e a Brisa" - Este é o título do livro que a Livraria Almedina acabou de editar, da autoria do nosso sócio fundador António Henriques Curado, que foi um dos mais destacados jogadores de sempre do team de futebol da Associação Académica de Coimbra, e que continua ainda hoje a sofrer, como poucos, pela nossa Brisa. Vamos ter exemplares do livro à venda na nossa Associação, e informamos que as receitas da venda deste livro, por vontade do autor, destinam-se a ajudar as "Escotas de formação de jovens estudantes-jogadores da Académica".

comecei até a receber dois exemplares por mês e ia escrever sobre a dupla remessa. Como demorei neste intento, o envio normalizou-se e agora recebo um exemplar todo mês.

Como sou de Fão e conheço e prezo todos os fangueiros com o mesmo carinho acho que qualquer um pode ter tido a iniciativa de remeter-me graciosamente o nosso jornal. Eu, porém, queria saber quem é. Se essa pessoa, familiar ou amigo, não quer mostrar-se gostaria que me escrevesse para, também particularmente, eu agradecer tão generoso gesto. É que, como disse acima, não posso mais passar sem ler "O Novo Fangueiro", e quem mo manda - e paga - não tem obrigação de repetir o gesto indefinidamente. Os exemplares que recebi até agora graciosamente já se constituem num presente valioso que às vezes nem sei se o mereço, tal o seu

significado. Dizer que a leitura do jornal da nossa terra cada vez mais aviva em mim a vontade de regressar nem é preciso. Enquanto isso não ocorre inteiro-me do que aí acontece e do que o povo de Fão pensa e canta nas letras de Maria Duval, Salomé, Marta, Cecília, João Pedras, Armando...

No número de Setembro - cheguei até a iniciar uma carta... - gostei de ler o que o António Viana escreveu indignado sobre as placas que têm o nome de Fão e nossos vizinhos querem esconder. Endosso tudo o que escreveu, mas lembro ao António que nossos vizinhos sempre foram invejosos porque nenhum deles, do Norte ou do Sul, têm o encanto, o charme que Fão possui. Nossa terra incomoda até pelo nome, pequenino e sonoro com seu til - sutil e enigmático é teu nome: Fão! - pois a vizinhança,

(Continua na pdg. 4)